

**NOBLAT, Ricardo. 2002. *A arte de fazer um jornal diário*. Brasil: Editora Contexto, 176 páginas. ISBN 8572442111.**

Cláudia Maria Arantes de Assis  
Mestranda em Comunicação Social  
Universidade Metodista de São Paulo.  
clauarantes@hotmail.com  
Brasil

O livro “A arte de fazer um jornal diário” de Ricardo Noblat narra às histórias vivenciadas pelo autor na redação de um jornal durante seus trinta e cinco anos de experiência em jornalismo.

Após um diálogo fictício como se Ricardo Noblat pudesse ser jornalista e leitor ao mesmo tempo, surge o livro. Foi a maneira que Noblat encontrou para compreender o que se passa na cabeça dos leitores. Dessa forma ele mostra a importância e a decadência dos jornais impressos.

De maneira bem humorada, Noblat trata de fatos interessantes sobre o que é certo e errado em um jornal diário. Em uma perspectiva futurista, ele acredita que haverá a extinção do jornal impresso tanto em decorrência dos maus profissionais que trabalham nos jornais impressos, quanto dos donos desses jornais que não se importam com qualidade e não se preocupam em perder leitores para os novos meios de comunicação. Isso é um alerta para os futuros jornalistas, pois estes não fazem idéia de como funciona realmente uma redação. E podem no futuro, tentar reverter essa situação. Preservando o jornal impresso.

Os oito capítulos do livro tratam assuntos como: a estrutura convencional do lead e como é utilizado pelos jornalistas; os leitores de forma geral; os donos dos jornais que não se importam com o futuro desse veículo de comunicação; os repórteres que não se preocupam com a notícia e parecem estar sempre fazendo “CTRL C e CTRL V” das matérias de outros jornais; a ética dos jornalistas entre confrontos ideológicos e princípios.

Noblat julga que a culpa da queda das vendas dos jornais são dos maus administradores do jornal( muitas vezes os donos) e dos jornalistas que não querem saber se o jornal tem repercussão ou não (se o jornal está pronto está de bom tamanho, não importa o que está escrito). Deve se levar em conta a pouca vendagem de jornais pelo fato destes tratarem do mesmo assunto. Ou seja, eles veiculam assuntos que podem ser encontrados no rádio, na televisão, na internet e mesmo em outros veículos impressos. Os repórteres não se aventuram em procurar notícias, muitas vezes não saem da redação para apurar. Geralmente as notícias nos jornais são semelhantes à de outros jornais. Segundo Noblat é importante apurar a informação para não faltar o que pôr na matéria, mas com o cuidado de não confundir o leitor com informações em excesso. De acordo com ele, os jornais erram muito e muitas vezes não se retratam. Mas quando o jornal erra e assume seu erro, ele ganha mais credibilidade, pois o leitor sabe que se houver outro erro, será esclarecido. Isso traz mais confiança para o jornal.

“A melhor fonte de informação não é a que sabe tudo, mas a que nos conta o que sabe”. Segundo Noblat é necessário ter boas fontes, cuidar delas mantendo contato constantemente. E caso seja pedido ou necessário, cumprir sigilo sobre essa fonte.

Ao se tratar de uma entrevista, ele diz que o bom entrevistador deve tirar o que quer do entrevistado. Deve “arrancar” as respostas. Noblat salienta também que a informação pode estar no silêncio ou em alguma outra atitude do entrevistado.

Em seu livro, “A arte de fazer um jornal diário”, Noblat também conta alguns macetes para se escrever bem um texto jornalístico. Simplicidade, clareza, objetividade, frases curtas, e ordem direta são os ingredientes para um texto coeso. O lead também deve ser repensado no momento de ser escrito. Para ele, o lead convencional não convida o leitor a ler o jornal.

Noblat é radical ao tratar do pensamento de alguns jornalistas, como se sentir poderoso ou fazer parte do poder. Jornalista não sabe tudo. A raiz desse problema pode estar no jornalista receber favores, presentes e convites de algumas pessoas que tem algum interesse em receber vantagens.

O livro é uma crítica aos jornais e aos antiéticos jornalistas. Nas palavras de Noblat, “estou convencido de que donos de jornal e jornalistas compartilham o firme propósito de

acabar com os jornais” essa frase é um exagero desesperado, pois há muitos jornalistas que correm atrás de boas notícias, que investigam, que agem da melhor maneira para levar as informações dos fatos de forma concisa e verdadeira à população. Não podemos generalizar uma categoria de “preguiçosos irresponsáveis” como sendo toda uma redação. Assim como em todas as classes e lugares, existem as pessoas competentes (com força de vontade e dignidade) e as incompetentes( que só esperam seu salário no fim do mês).

Os donos dos jornais é qume deveriam se preocupar mais com os profissionais que contratam. E se preocupar também com a visão que a população tem de seu jornal. Os jornais mais respeitados já passaram por reformulações, tanto de espaço físico, quanto de editorias, quanto de profissionais. Isso é um grande salto para o futuro do jornal impresso. Os donos de jornais estão muito preocupados em ganhar dinheiro, mas não percebem que se o jornal não fizer ‘a diferença’ a queda de vendagens será enorme. As outras mídias estão cada vez mais sendo utilizadas pelas pessoas, enquanto que o jornal impresso perde espaço visivelmente para os outros meios de comunicação. A responsabilidade de reformular e atrair o leitor parte tanto dos donos do jornal quanto dos profissionais.